

PANORAMA LITERÁRIO DO CEARÁ EM 25 ANOS

FRAN MARTINS

Que fizemos nós, no Ceará, nestes últimos vinte e cinco anos de literatura? Teremos ficado parados, de braços cruzados, ou demos, realmente, algum passo avantajado para melhorar o nosso patrimônio cultural?

Antes de tudo, precisamos saber o que éramos no período anterior a êsses vinte e cinco anos que vão de 1927 a 1952. E, com tristeza, teremos que reconhecer que nessa época éramos apenas a tradição: éramos simplesmente a *Padaria Espiritual*, o Centro Literário, a velha *Academia de Letras*, com uma ou outra manifestação individual esporádica — Antônio Sales, que viera da *Padaria* e continuava sempre com o espírito de pai-deiro, Julio Maciel, Cruz Filho, raros outros. Dolor Barreira, que fêz um levantamento da literatura cearense na primeira década dêste século, não pôde nos apresentar sequer uma dúzia de nomes verdadeiramente capazes de enfrentar uma crítica severa. Houve, é certo, os casos de Domingos Olímpio e Gustavo Barroso: mas êstes não se realizaram em nosso meio ou, se iniciaram aqui as suas atividades, como Gustavo, logo se transplantaram para o Rio, perdendo as suas obras o caráter de produtos da terra, aqui desabrochados e daqui fazendo o seu centro de irradiação.

Chegamos a 27 nesse marasmo — nem mesmo a boa vontade do Presidente Serpa, reorganizando a Academia Cearense, pôde nos trazer algo de apreciável. Aqui e ali apenas um livrinho chocho, em geral de versos. Quando um conseguia chamar a atenção do público — como nos casos de Carlos Gondim e Mário da Silveira — os seus gritos morriam sem eco. Eram apenas relâmpagos mas, incompreensivelmente, êsses relâmpagos não denunciavam tempestade.

Desabou tempestade, na verdade, apenas em 1928, quando o modernismo chegou por estas plagas, com seis anos de viagem de S. Paulo a Fortaleza. Aí houve, realmente, uma barbaridade: “Maracajá”, surgida como suplemento literário de O POVO, não foi apenas uma revista escandalosa e pitoresca, foi também um sinal de renovação. Em tôrno dessa revista se agruparam os novos daquele tempo — novos que, em vez de louvar, começaram a insultar os verdes mares bravios e o canto da jandaia, que viram no rio Jaguaribe, mais que o maior rio sêco do mundo, uma artéria aberta por onde se esvaía o sangue do Ceará. Como em qualquer revolução, o movimento da “Maracajá” inflamou a todos os que, então, não se conformavam com as limitações do estabelecido, do bem comportado. E me lembro que indivíduos aparentemente pacíficos, como Paulo Sarasate, também entraram na luta, assinando notas, críticas desabusadas, ás vêzes mesmo anúncios, que nessa época também passaram a ser um gênero literário.

Terá êsse modernismo cearense, virulento e inconformado, nos deixado alguma cousa de apreciável? Deixou: mesmo tirando o superficial, o pitoresco, o dito apenas “pour épater”, o movimento de “Maracajá” nos legou alguns poemas e alguns poetas que ainda hoje, vinte e cinco anos depois, continuam sendo grandes poemas e grandes poetas. O citado “O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta”, que Democrito Rocha assinou com o nome de Antônio Garrido, permanece sendo a mais dolorosa revelação do nosso eterno complexo de água, e Jáder de Carvalho, que, com Franklin do Nascimento, Sidney Neto e Mozart Firmeza, assinou

“O Canto Novo da Raça”, já então se mostrava o grande poeta que mais tarde viria a se realizar plenamente, e até hoje insuperavelmente, em “Terra de Ninguém”, talvez a maior contribuição poética de um indivíduo à nossa literatura de todos os tempos.

Eu tenho para mim que Raquel de Queiroz pode ser classificada como um resultado, também, do movimento de “Maracajá”. Não que, se não tivesse havido êsse movimento, ela não se revelasse mais tarde com a força com que se revelou. Mas quando surgiu “Maracajá”, Raquel estava apenas desabrochando para a vida e, espírito irrequieto, encontrou receptividade, ambiente, cousas tão necessárias à vida íntima de um artista. Em “Maracajá” ela escreveu, como todos os outros, quebrou ídolos e disse desaforos. E talvez o fato de ninguém lhe haver atirado pedras fêz com que, mais tarde, ela ousasse, com maior convicção, nos mostrar o nosso problema fundamental, a sêca, de uma maneira bem diversa daquela que sempre fôra usada para tratar dêsse assunto. E ninguém ignora a influência que teve “O Quinze” na moderna literatura brasileira — com a sua linguagem nova, a sua concepção diferente, o levantamento de novas perspectivas da paisagem nordestina, do mesmo modo que José Américo, na vizinha Paraíba, havia feito com “A Baga-ceira”.

Mas o efeito salutar de renovação do movimento de “Maracajá”, se não se apagou de todo, esmaeceu bastante nos anos que se seguiram. Vozes isoladas continuaram se erguendo — Filgueiras Lima, Jáder de Carvalho e bem poucos outros conseguiram, vez por outra, dar um alento às letras locais: os seus esforços, porém, quase se perderam no terra a terra das questões gramaticais e dos sonetos de chave de ouro. Não tivemos contos nem novelas: éramos apenas uma literatura de poetas. E, quanto a movimentos associativos, apenas a Casa de Juvenal Galeno continuou a promover serões lítero-musicais — mas serões de maneira eclética, dentro da própria finalidade da instituição, que é a de homenagear as manifestações do espírito ou

pôr em contacto os elementos de fora, que por aqui passavam, não apenas com os literatos da terra, mas com a sociedade local.

1942: CONGRESSO DE POESIA

Foi em 1943 que uma cousa diferente aconteceu: e aqui é preciso dizer que a sua repercussão maior se prende mais ao gesto do que ao conteúdo literário. Por aquela época estávamos em guerra: não apenas o mundo estava em guerra, mas nós, do Ceará, também. o que não aconteceu com o sul do Brasil. Aqui sentimos o clima de guerra, embora atenuado: vimos naufragos em nossas praias, dormimos muitas noites com submarinos inimigos rondando o litoral, houve até o perigo de sermos atacados diretamente. Não era apenas o fato de existirem soldados americanos em nossa cidade, de aviões passarem noites inteiras sobrevoando as nossas praias, de sofrermos racionamento, falta de gasolina, *blak-out*: não era só isso o que nos dava a certeza de estarmos em guerra. Nós participávamos do conflito, porque sabíamos que tudo isso era uma consequência de nossa situação geográfica, porque sabíamos que os submarinos que nos cercavam não nos distinguiam daqueles contra quem estavam em luta. Se nos aventurássemos a arriscar um pouco mais, nós nos sujeitávamos a sofrer as consequências do nosso ato.

Pois, nesse ambiente de apreensões e incertezas, um grupo de poetas e escritores achou de realizar um congresso de poesia. O certame foi por muitos atacado, mas, hoje, bem podemos avaliar o valor que teve aquêlê gesto. Não se entra, de fato, na apreciação do conteúdo da contribuição poética de cada um daqueles congressistas: o próprio manifesto do congresso dizia, creio, que êle não era uma reunião para recitativos, se bem que de fato até recitativos houvesse. Mas o que foi admirável naquêlê tentame foi o gesto: a afirmação de que, mesmo num mundo em guerra, quando as fôrças materiais de todos os povos entravam em choque, quando só o poder das armas imprimia respeito,

alguns moços do Ceará, não sei nem se muito conscientes disso, mostravam a todos que o poder do espírito não se extinguiu com aquilo, continuava vivo, superpunha-se à materialidade do conflito. Se, literariamente, a contribuição do I Congresso de Poesia do Ceará não foi avançada (na verdade ela foi significativa pois nos revelou alguns poetas, como Aluizio Medeiros, então só conhecidos dos íntimos) o ato, o gesto, a própria realização do Congresso foi cousa que merece destaque, por representar a afirmação necessária de uma geração nascida sob a influência de um governo discricionário e, no momento de revelar-se, com os horizontes cercados por uma guerra brutal.

Eu disse que a contribuição dos poetas do I Congresso não foi avançada mas foi significativa: quase me vem a vontade de dizer agora que, de certo modo, ela foi avançada também. Porque essa gente estava possuída de inquietação, e isso é sempre um bom sinal para o diagnóstico de uma geração. Só a inquietação traz febre e delírio e, paradoxalmente, uma geração que não tem febre nem delírio é uma geração doente. A do Congresso de Poesia não era uma geração doente: tanto que fez aquêles certame e, depois dêle, continuou a mexer-se, a movimentar-se, a agitar-se.

Foi essa gente que criou, um ano depois, as primeiras “Edições Clá”, comandados os seus componentes por Mário de Andrade, um remanescente do movimento de “Maracajá”, que já fôra, talvez, o maior incentivador do Congresso de Poesia. E, se mais tarde Mário de Andrade se afastou, foram aquêles seus amigos, ajudados por outros, que se reuniram em tórno da secção local da Associação Brasileira de Escritores, sociedade que, se não teve o poder de realizar o seu fim estatutário — congregar os escritores para defender os seus direitos como profissionais — teve o mérito, maior do que aquêles, de dar uma certa unidade de trabalho aos escritores que viviam dispersos, incentivando-os a produzir, promovendo concursos, realizando conferências, publicando livros, batalhando junto aos jornais e revistas por uma melhor compreensão do trabalhador intelec-

tual. Daí vieram o I Congresso Cearense de Escritores com os seus debates desabusados e interessantes, a segunda fase das “Edições Clá”, desta vez corporificadas em uma cooperativa editôra, a participação cearense em congressos de caráter nacional, o lançamento de uma revista, *Clá*, que até hoje ainda se mantém com o mesmo espírito inicial de servir de veículo aos que, na provincia, têm alguma cousa a dizer.

Surgiram, nesse grupo, vários poetas, contistas, romancistas, ensaistas que antes não tinham tido oportunidade ou incentivo para aparecer. Os que já se haviam iniciado nas letras, através da prosa ou da poesia, nêle se integraram com o mesmo ardor dos estreantes. E, se no trabalho realizado em conjunto há altos e baixos, uma cousa não pode deixar de ser ressaltada: êsse grupo não deixou parada a vida intelectual da provincia, antes, projetou-a aos outros Estados, mostrando, primeiro que em outra qualquer parte do Brasil, que tão meritório é o trabalho realizado aqui como o que se faz na metrópole.

Isto dito assim pode parecer um acacianismo, mas a verdade é que, antes dessa manifestação, os que faziam literatura na provincia eram tidos como uma espécie de sub-literatos. Raro era o livro publicado na provincia que merecia dos críticos oficiais ao menos o favor de uma leitura. Foi o movimento iniciado no Ceará, com o I Congresso de Escritores, e mais tarde espalhado pelo Brasil inteiro, que fêz com que as provincias lançassem o seu grito de libertação, quebrando o eixo literário Rio-São Paulo para dar lugar ao reconhecimento dos trabalhos feitos nas provincias — no Ceará, em Pernambuco, Bahia, no Paraná, em Minas, no Rio Grande, no Pará.

A GERAÇÃO QUE DESPONTA

E, assim, continuou, até hoje, com altos e baixos como disse, com momentos de desfalecimento e outros de entusiasmo. Uma cousa, porém, parece estar certa: creio que não haverá

mais longos hiatos na produção literária do Ceará, longos hiatos como aquêles que existiam nos anos que precederam os vinte e cinco que vão do nosso movimento modernista até hoje. Já está despontando outra geração que não sei se tem alguma cousa nova a dizer mas que pelo menos tem alguma cousa a dizer. É bem possível que dêses escritores que surgem agora tenhamos alguns que, melhor que nós outros, realizem contos, romances, poesias, ensaios. O fato de saber-se que êles já estão se movimentando é um bom prenúncio. A literatura não deve ficar parada, estratificada, personificada em tais ou quais escritores. A sua fortaleza está justamente na renovação — uns vêm, outros se vão, e o patrimônio literário do Estado se enriquece, para dar trabalho aos futuros historiadores literários, mais felizes, talvez, do que Dolor Barreira, por terem material mais abundante para as suas pesquisas e os seus julgamentos.